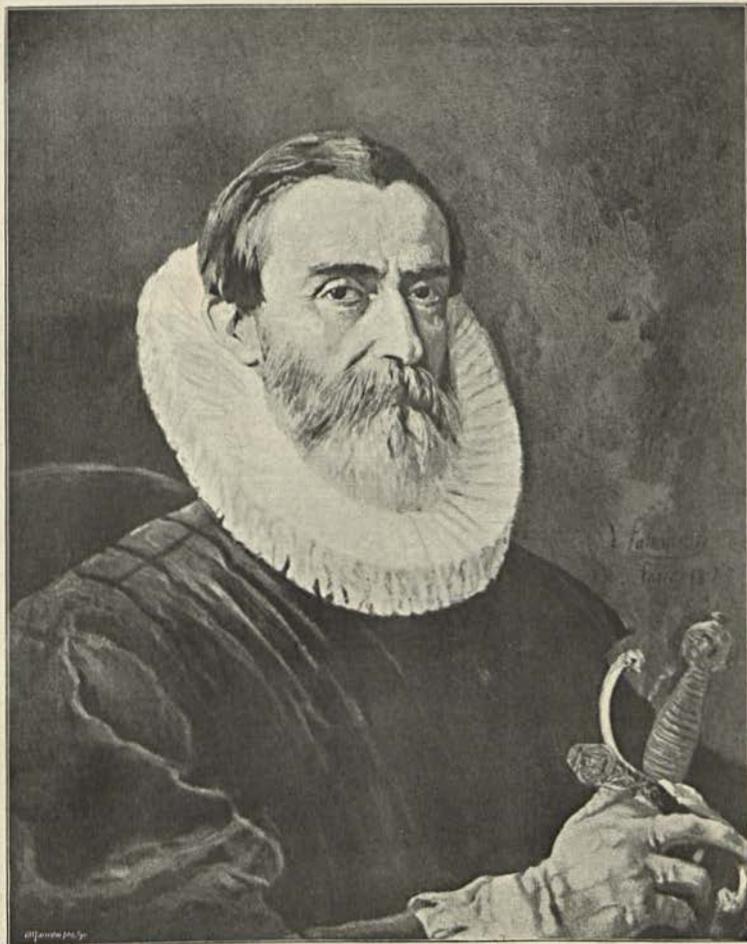


BRASIL-PORTUGAL

16 DE FEVEREIRO DE 1900

N.º 26



O CONDE DAUPIAS, em traje de fidalgo portuguez do seculo XVI

(REPRODUÇÃO DE UM QUADRO DE PALMAROLI, DA ANTIGA GALERIA DAUPIAS)

(Vide Chronica)



O conde Daupias

Pedro Daupias foi no século XIX, que a sua longa vida quasi completamente abrangue, o mais authentic e um dos mais directos representantes na sociedade portugueza d'essa grande e benemerita legião de industrias francezas atraalhadas a Portugal durante a segunda metade do século XVII por influxo do marquez de Pombal, cuja predominante facultade de estadista, segredo de todo o seu exito, foi a de discriminar da maneira mais nitida e de pôr em acção collectiva e valor pessoal de cada um dos homens com quem viveu. Todas as demais qualidades se lhe podem contestar. Falto-lhe, sobretudo, esse amor das coisas immateriaes e eternas, da virtude, da belleza, da poesia e da arte, em cujo culto unicamente se nobilita e se engrandece o espirito de um homem e o espirito de um povo. Elle foi refractario à piedade e à ternura. Amputado de sensibilidade affectiva, materialisou quanto dirigiu, reduzindo a equações de mechanica politica todos os problemas da vida. E pelo uso d'essa força simplista, implacavel e directa, alcançou tudo quanto se propoz, menos o commovido e saudoso reconhecimento da posteridade, que nunca mede os homens pela força que dispenderam mas sim pela sympathia que derramaram no mundo.

E' indubitavel todavia que o marquez de Pombal, pelo seu tacto selectivo, soube, especialmente e como ninguém mais, pondo cada um no logar mais apropriado ao exercicio da sua capacidade, dar ao organismo social uma consideravel e fecunda robustez, resultante da mais perfeita harmonia entre a força do agente e o fim premeditado da acção.

Todo o movimento industrial do nosso tempo, iniciado por D. João V com a criação da Fabrica das sedas e com a grande escola de Mafra, ainda hoje tão mal comprehendida, foi definitivamente estabelecido em Portugal no reinado de D. José e sob os auspícios do marquez de Pombal, pelos homens da linhagem ou da confraria do conde Daupias.

A nossa geração pode continuar a cultivar neste capitulo as mais enraizadas e candidas flores da illusão. Acima de toda a jardinagem rhetorica do fomento moderno, está a irrefutavel verdade historica de que na organização portugueza da industria, condição *sine qua non* da independencia economica, base fundamental da autonomia de qualquer povo, as gerações modernas não tem até hoje senão conservado mal o que acharam feito, ou desmanchado o que fora estabelecido pelos nossos antepassados.

Ao tempo do marquez de Pombal tinham-se quasi completamente extinguido, sob a lava esterilizante do ouro, das especiarias e dos diamantes das conquistas, todas as nossas industrias da idade media, tão vivazes ainda no século XV e no principio do século XVI. Alem das rudimentares instituições do reinado anterior, a produção industrial, ao advento de D. José, achava-se reduzida aos panos do linho e ás linhas de Guimarães, aos chapéus de lã de Braga e da Terra da Feira, ás grosseiras ferragens de Braga e de Guimarães, à pequena ourivesaria dos subúrbios do Porto, aos briches, surrubeocos e saragoças de alguns teares caseiros e aos taffetás e gorgorós para mantens e mantilhas, procedentes de Bragança.

Subitamente, como ao golpe de uma vara magica, desangram se ferrenhos, enxugam-se paues, desbravam-se charnecas, canalizam-se rios, abrem-se estradas e canaes, constroem-se açudes, levantam-se apparatus hydraulicos, accendem-se fornos; e a productividade portugueza desabrocha por toda a parte com uma expansão maravilhosa, que a muitos pensadores atordados se figurou uma repetição do terremoto, um novo cataclismo administrativo, como aquillo que hoje diriamos uma nevrose social, uma especie de impulsividade epileptica do Estado, adstricta pela sua pathologica aos dominios psychiatricos de Maudsley ou de Lombroso.

Theodore Sauvage monta em Pombal por conta da Fabrica das Sedas a primeira officina de chapéus finos, logo depois seguida de uma outra do mesmo genero, dirigida em Elvas por Jean Baptiste Alexis, e de outra ainda fundada em Lisboa na rua Formosa por Gabriel Milliet. Em Thomar Timothee Lecussan Verdier, Jacques Raton, Gabriel Lacroix, Noel Lemaître, erigem as primeiras fabricas de fição, de meias de estambre e de caixas de papelão envernizadas. Magalhães e Larcher fundam a primeira fabrica de chitas em Açilão. Henri Meuron funda a de Torres Novas, e a esta e à precedente succedem-se consecutivamente varias outras, de estamparia, de fição e de lanifícios em varios pontos do reino. Em Tavira Pierre Margoux e Pedro Heitor criam a fabrica de tapetes de alta lisa, na qual se fiziam

tão bellas obras como as dos Gobelins, segundo testemunha ainda hoje um magnifico tapete conservado no museu municipal da Figueira. William Stéfens, do qual diz Rillon que tanto amava Portugal que nem parecia inglez, estabelece na Marinha Grande a fabricação dos vidros e dos cristaes.

Da Fabrica das Sedas saem os fundadores de muitos officios, a que correspondem outras tantas industrias. Esses grandes e modestos iniciadores chamam-se mestre Dantot, mestre Berthoud, mestre Gabriel de la Croix, mestre Joseph May, mestre Louis La Chapelle, mestre Guithobel, todos francezes, e mais dois ou tres mestres Italianos. A estes artifices se deve a fabricação em Portugal, com operarios portuguezes, da cutellaria fina, da relojoaria, de instrumentos e de utensilios de cobre, de pentes de marfim, de botões de metal, de lacre e de vernizes, de estuques e de escaioles, de verramas, de sovelas e de limas, de louças de faiança e de pó de pedra, de cambraias e de esguêdos, de artefactos de malha, de damascos, de veludos. Surgem ao mesmo tempo as fabricas de papel, as tinturarias, as fundições, as serrallherias, as marcenarias mechanicas, e as grandes obras de architectura e de engenharia hydraulica, como a bacia de Paço d'Arcos, a reconstrução da linha baixa, o palacio da Ajuda, o theatro de S. Carlos, o hospital de Ilha, o palacio do marquez de Castello Melhor.

Sob este grande movimento fabril e de construção revelam-se, protegidos pelo Estado, os primeiros embriões do ensino operario, verdadeiras e excellentes escolas de desenho, de mechanica e de chimica industrial. E juntamente com tudo isso organisam-se ainda as grandes pescas da bateia e do alium; libertam-se os escravos e recolhem-se as creanças abandonadas; inicia-se uma direcção geral dos estudos pela criação da Mesa Censoria; funda-se o Real Erario e a Junta do Commercio; arremitta-se o primeiro corpo da guarda policial de Lisboa; reconstitue-se o regimen das colonias e a legislação judicial; cria-se a Aula do Commercio e o Collegio dos Nobres; reforma-se monumentalmente a Universidade de Coimbra; e pratica-se o feito capital do século — a expulsão dos jesuitas.

No commercio eram talvez tão numerosas como na industria as familias francezas, em cujo contacto a administração do marquez de Pombal tão beneficentemente refundiu — sem o premeditar talvez — a educação até então tão puramente padrea, da sociedade portugueza.

Matheus de Carneiro (do Instituto de França) Orcei, Roland, Eillon, Clamouse, Raton, Daupias, Semiond, os irmãos Boret, os irmãos Bertrand, foram preclaros exemplos de alta cultura intellectual, de perfeita dignidade burgueza, de impecavel honra, de uma probidade mercantil que ficou proverbial nos fastos da classe.

A esse tempo nas bolsas de Lisboa e do Porto a libra sterlina valia 3.600 réis da moeda de D. José. E quando em aguas portuguezas a poderosa Inglaterra osou atacar a frota de La Clue, bateu-se-lhe o pé n'esta terra ainda revolta da emoção do terremoto, e a altiva Grã-Bretanha deu respeitosa e satisfaccão que se lhe exigiu com uma firmeza que espantou a Europa.

Porquê? Porque, apesar de pequena e de modesta, a nossa casa, quasi repentinamente reconstituída pelo trabalho e pela economia, voltara então a ser outra vez propriamente nossa, e, como dizia (ou talvez que não dissesse) o marquez de Pombal n'uma das conceituosas parabolias que se lhe attribuiram, um homem em sua casa pode tanto que ainda depois de morto são precisos quatro para o levar embora.

Dos francezes lustrançados a que me tenho referido e de que me pesa não ter tempo nem espaço para mais integral e desenvolvida noticia, o mais proeminente e mais illustre foi Jacques Raton, de quem o conde Daupias é neto pelo casamento da filha primogenita de Raton, D. Francisca Julia, com Gabriel João Lourenço Daupias.

Não se pôde ter na aristocracia do trabalho mais honrada stirpe nem mais encargos de nobreza, se considerarmos que na linhagem da burguezia, assim como na de espada, — *noblesse oblige*.

Raton, pela sua educação esmeradissima, pela sua natural agudeza, pela vasta comprehensão das suas facultades, pela sua riqueza tão legitima-

Os pavilhões portuguezes na Exposição de Paris

ESTA questão dos pavilhões portuguezes na Exposição de Paris, cujos projectos hoje reproduzimos na Revista, tem dada origem a varia critica e a varia discordia, uma e outra resentindo-se d'essa ingenita superficialidade e precipitada paixão com que é de uso tratarem-se os assumptos de Arte em Portugal.

A simples historia do concurso aberto pelo governo entre os architectos portuguezes, uma vez que se lhe percebessem os fins e o determinado intuito, bastaria para illuminar com lucidez e seguro criterio os que houvessem de manifestar uma opinião sobre o valor esthetico dos esbocetos que ali se expuseram ao publico.

O governo portuguez, ao elaborar o programma que serviu de base aos nossos artistas, para a orientação conceptual dos seus projectos, posto tivesse em vista deixar-lhes toda a liberdade e a maxima amplitude, não pediu, no entanto, aquillo a que é de uso chamar-se um *pavilhão nacional*, mas apenas dois alojamentos especiaes que a imaginação do artista poderia embellezar, e onde se agrupassem os nossos productos coloniaes e os nossos productos de caça e pesca. Se não havia peias á audacia dos architectos, havia contudo uma condição constructiva a que tinham logicamente sujeitar-se.

As outras nações—alem do seu *pavilhão nacional*, vasalo quer nos moldes da sua architectura historica, por um sagaz estudo archeologico, quer reproduzindo, de maneira synthetica, o seu esforço para realisarem um type de architectura moderna,—levantaram, n'essas fervilhantes margens do Sena, construcções cujos fins são bem diversos d'aquelle a que se destinam os pavilhões portuguezes.

Estos, levantados, de resto, n'outro local, entre os seus congeneres das demais nações, são simplesmente, succinta-

mente, dois pavilhões de exposição de productos modernos, os productos do solo continental e do solo africano, que, aglomerados sem embaraços e com facil disposição, sejam n'um golpe de vista apprehendidos pelo visitante que procura o esforço da nossa vida commercial e agricola. Caracterisal-os, embellezal-os, dar-lhes mesmo um certo arranjonomen-

tal, não deixando de ser typico, eis o caminho a que parece devia tender o estudo dos concorrentes.

N'esta ordem de ideias, e cingindo-se ao criterio determinante do destino para que foram pedidos, o jury encarregado de fazer a selecção, escolheu os dois projectos do nosso illustre architecto Ventura Terra, pois que elles reuniam, não só na logica significação da planta, mas na característica expressão das fachadas, uma como que physionomia externa d'aquillo que se agrupava lá dentro.

Basta olhar para o pavilhão das colonias e logo se adivinha um ambito vasto e illuminado pela luz que entra a jorros por quatro amplissimas vidraças, e irresistivelmente parece caminhar-se para uma entrada franca, convidativa, sob a curva de um grande arco ricamente decorado, e que nos parece a curva por excellencia d'aquillo a que logicamente se deve chamar um *pavilhão*, construção ephemera, erguendo-se em linhas simples e sobrias engalanando-se com ar de festa, na risonha polychromia dos ornatos e das bandeiras.

Estas quatro soberbas curvas fixam-se a quatro torresões; a um tempo solidos e leves, sahindo em cima n'um sobresalto de volutas que seguram, continuando-as, as quatro linhas dos porticos. Convergingo depois para uma base de festões, sustentam quatro esferas armilares, rebrilhantes de ouro, symbolos de descobertas e conquistas, e assim rodeando a cupula que cobre o interior e sustenta a haste da bandeira. E' brilhante e nitido, sério e luminoso.

O pavilhão da caça e pesca por fórma ainda mais nitida exemplifica o seu duplo destino, especie de *rendez-vous* de caça, campesino e simples, com sua decoração de elementos florestaes e appendices ruralistas, assentando n'uma base sólida que se alonga em linha de ancoradouro, cingida de cordas, com

argolas espaçadas de na muralha do caes, em cuja solução de continuidade uma linda cancella se desenhava em curvas de bote.

Nada mais typico, mais cheio de perfume silvestre, cujo effeito luminoso deve ainda realçar depois da construção, pelo reflexo dos azulejos que em barras coloridas o cingem e lhe enquadram as aberturas.



Ventura Terra



Pavilhão de matias e coça

Facil seria ao habil tira-linhas do nosso distincto artista reproduzir a nossa habitação historica no que ella tem de suggestivo e poetico, agrupando os elementos decorativos que a todos nos sorriem como um delicioso echo do passado, — mas, como se não tratasse aqui de uma exposição historica e retrospectiva, mas de pavilhões onde se collocassem productos modernos, pensou com seguro e honesto criterio o sr. Ventura Terra que devia fazer obra sua, cingido ás exigencias do momento, e tanto quanto possivel reunindo qualidades monumentaes e de adaptação ao destino a que eram sujeitos.

E realisou-o, como se vê, por forma brilhante, sem espectaculos europeis decorativos, fazendo valer a nobre significação da linha, traçando-a com simplicidade e harmonia sem perder de vista a vibrante aureola da côr para uma construção de festa.

JOÃO BARBEIRA.

A hora da morte só julga ter realisado o seu sonho quem nunca tenha soñado.

VALTOUR.

Se os Romanos tivessem tido que aprender o latim, como nós, não teriam tido tempo para conquistar o mundo.

HENRI HEINE.

Depois de tantas forças perdidas, de agitações sem fim, e de esforços sem resultados, é espantoso como ainda ha progresso.

VALTOUR.



Pavilhão das Colonias

O ALBUM DA EXPOSIÇÃO DE PARIS



Cidade da Phoenícia, Bône.

A vindima

Visconde de Sucena

ENTRE os portuguezes que mais tem desenvolvido e honrado o grande commercio do Brasil figura este titular illustre.

O visconde de Sucena, cujo retrato e cuja casa commercial no Rio de Janeiro abrilhantam pela photographia esta pagina, é uma das mais suggestivas e frisantes provas do que póde a vontade, o trabalho e a intelligencia tendo por objectivo uma idéa vasta, util, pratica.

Essa enormissima casa commercial que elle possuiue na capital do Brasil, que representa um activo de muitos milhares de contos, servida por uma infinidade de empregados, directamente relacionada com outras grandes casas de França e da Allemanha, que lhe fornecem constantemente tudo o que a moda, a arte e a sciencia da *toilette* tem, não só no Rio mas n'outros Estados Brasileiros, de mais exigente e de mais moderno, essa casa Sucena constituida por uns poucos de predios contiguos, adquiridos em virtude do progressivo augmento de transacções, e ainda não bastante para a affluencia crescente do publico fluminense, essa casa colossal é o producto de um trabalho perseverante, de um esforço titanico, é o braço de honra na vida laboriosa de um homem.

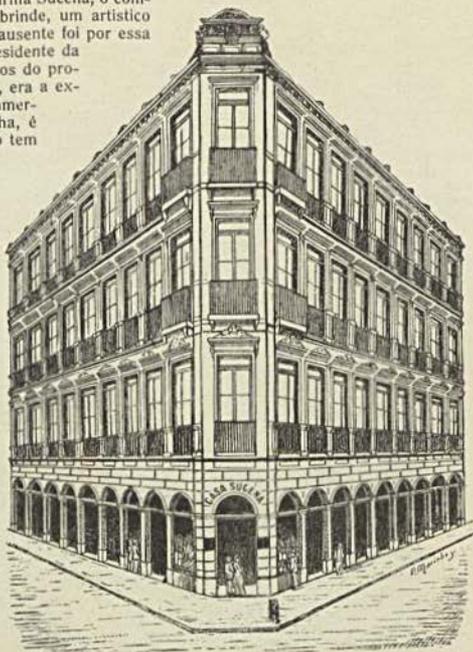
E como se, depois da triumphante luta de muitos annos, faltasse a esse solar do trabalho o cunho que lhe authenticasse o valor, a chancellia que lhe imprimisse a suprema garantia, encarregou-se o chefe do Estado Brasileiro de lhe conceder essa alta distincção com a sua visita de 28 de dezembro do anno passado.

Não quiz o sr. Campos Salles que expressasse o anno e o seculo sem que, ao percorrer todas as dependencias do vasto edificio, ao admirar as salas e as officinas, ao ver tão sabiamente combinado o confortavel e o util, desde o elevador até á installação da luz electrica, ao observar os variados trabalhos de modas, de alfaiateria, de passamentaria, e ao ajoelhar na capella rica de altaes religiosas, sem que, diziamos, dos seus labios sahissen palavras de louvor como aquellas que lhe ouviu o socio gerente da firma Sucena, o commendador José Pereira de Sousa. E o valioso e delicadissimo brinde, um artistico crucifixo de marfim, que em nome do sr. visconde de Sucena ausente foi por essa occasião offerecido pelo seu representante para a esposa do Presidente da Republica, traduzindo ao mesmo tempo os sentimentos religiosos do proprietario da casa e o agradecimento reconhecido por essa visita, era a expressão de quanto ella era incentivo e honra para a classe commercial. O sr. visconde de Sucena é portuguez, nasceu na Borralha, é portanto filho de uma das nossas provincias em que o trabalho tem de ser mais violento e mais resistente para arrancar á terra a sua natural riqueza. Esta poderosa qualidade levou-a elle de cá quando ha 33 annos, creança que apenas contava 17, embarcava n'um vapor para o Rio de Janeiro levando apenas consigo o seu modesto nome de José Rodrigues Sucena, a desillusão de um pae que o queria dedicar á vida ecclesiastica, e, no bolso, uma carta de recommendação para aquelle que é hoje o conde de Alves Machado. A protecção que este lhe dispensou e uma nunca desmentida vontade de ferro bastaram para resolver o problema que se lhe formulára no cerebro ao sahir de Portugal. Começou por onde começam todos os portuguezes que no Brasil chegam a alcançar nome, credito e fortuna, e, subindo, subindo, na estima e na consideração publica, foi a par e par subindo na classe em que se alistára.

A par destas qualidades de trabalhador emerito tem uma alta coherencia moral. Apreciando o valor dos seus auxiliares reparte com elles os abundantes lucros da sua casa e torna-os seus socios, seus eguaes. Dotado de vivos sentimentos religiosos, duas vezes visita em Roma, nas suas muitas viagens á Europa, o papa Leão XIII, que o distingue com a mercê de cavalleiro de S. Gregorio Magno e lhe lança a benção apostolica, enviando-a a todos os seus parentes e socios. Grande parte dos seus bens é distribuida por sociedades e institutos de beneficencia tanto de Portugal como do Brasil, e deve-lhe a terra em que nasceu serviços importantes e ofertas valiosas.

Casado com uma senhora de aprimorada educação, de uma familia illustre, sobrinha de Thomaz Villalba Gomersore, que foi presidente do Uruguay, é o enlevo de ambos um filhinho de 9 annos, cuja educação na Europa os obriga a prolongada ausencia.

Impossivel resumir em menos palavras a vida cheia de um homem que pelo trabalho se nobilitou.



A casa Sucena no Rio de Janeiro



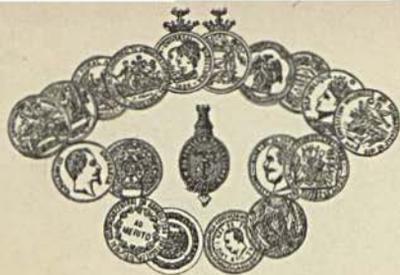
Correspondencia do Outro Mundo

por ALFREDO CANDIDO

O discurso em Lyncester de mr. Chamberlain — A peste bubonica ainda está em Santos e o povo ri-se d'ella — John Bull saltando a pé separados os muros e os morros da Colonia do Cabo — Uma viagem á Argentina — Uma alma que fecha o seculo pagando com a pelle o bem que gosou — As musicas soprando o hymno do Centenario — O choque deus-se, mas só por meio d'este instrumento é que eu o pude sentir (razão de Falb) — Adeus a Lorjô Tavares — Cá fico á sombra das bananeiras.

Alfredo Candido — tal é o nome do moço intelligente e modesto que o *Brasil-Portugal* hoje conta no numero dos seus collaboradores artisticos. O trabalho d'esta pagina ahi fica a attestar o que são as suas aptidões e o que vale o seu lapis facil e firme.

Alfredo Candido é portuguez e reside no Rio de Janeiro, onde a sua individualidade principia agora a salientar-se e a impôr-se.



Vinhos moscateis de Azeitão

A casa José Maria da Fonseca, Successores

ESTA o leitor do *Brasil-Portugal* em presença de uma das mais acreditadas e antigas casas fabricadoras de vinhos nacionais. Por estas quatro paginas a seguir vai ver reproduzidos o armazem e as officinas de vinhos moscateis e cognac moscatel de Azeitão, no concelho de Setúbal aos quaes está para sempre ligado o nome de José Maria da Fonseca, que, fundou, creou e até ao ultimo dia da vida desenvolveu extraordinariamente essa industria, tão portugueza e tão utilitaria.

Por isso aquelles que lhe succederam, honrando-lhe o nome, ampliando-lhe o pensamento, e dando á industria oenologica uma expansão mais consentanea com os processos modernos, os srs. José Augusto de Paiva, sobrinho do fundador da casa e José Antonio Fernandes, antigo empregado d'ella, bem floriam em manter sempre esse nome illustre á frente da firma que é: José Maria da Fonseca, Successores.

As medalhas que ao alto d'esta pagina se vêem, attestando o nome e o credito de que gozam estes vinhos em todos os paizes, são como que o brazão de honra, o escudo de nobreza, da casa de Villa Nogueira de Azeitão, brazão e escudo do trabalho, tão digno da consideração geral como aquelles que perpetuam as casas nobres que tambem por origem teem o trabalho, o valor, a honra ou a coragem.

Muito de proposito consagramos hoje a este assumpto largo espaço na nossa Revista para que tantos milhares de leitores aos quaes ella deve o nome e a publicidade, especialmente aquelles que menos familiarizados estejam com a especialidade do assumpto, conheçam e apreciem, não só em globo mas nos seus mais interessantes pormenores, os processos de industria oenologica.

Numerosissimas pessoas visitam as officinas de Villa Nogueira de Azeitão, e o seu livro de registo de assignatura accusa nomes dos mais distinctos não só n'aquelle ramo industrial como em todas as manifestações da actividade humana, e entre elles o de estrangeiros que n'essas paginas teem deixado a impressão que sentiram ao percorrer nas suas dependencias esse vasto estabelecimento, que emapparelhos e machinismos modernos e aperfeiçoados

pode competir com as casas afamadas do Jerez, de Bordeaux, e de outros grandes centros vinícolas de lá de fóra.

A muitos d'esses visitantes tem sido dado o presenciarem não só o spectaculo do fabrico dos vinhos moscateis na occasião da vindima, mas tambem todas as manipulações diversas e successivas que vão desde a colheita até á expedição do moscatel.

Uma das partes mais interessantes d'esse fabrico descreve-a melhor de que nós o faríamos, um dos homens que foram mestres no assumpto, o conselheiro Ferreira Lapa, o erudito professor do Instituto Agricola, que tantos serviços prestou á ciencia portu-

guezia e com tantos outros pro-mettia ainda enriquecê-la, se a morte o não arrebatasse em pleno vigor de intelligencia, em plena faina de trabalho.

A impressão que o sabio professor experimentou na visita que fez aos armazens de moscateis de Azeitão, traduzia-se por esta fórma, que os proprietarios da casa registam e mantem como um brazão de honra.

"Toda a uva, escreveu Ferreira Lapa, que serve á composição do moscatel separada do engaçó.

Qualquer outro mandaria ripar a uva na ripadeira ordinaria. O sr. Fonseca manda fazer este trabalho por mulheres que despegam a uva bago por bago e que neste acto separam todo o restólho, bago verde, secco ou pódre. O escrupulo na escolha da uva e o acao com que se faz esta operação excedem todo o elogio. Faz gosto ver as cêlhas coguladas d'uva esbaguada, ficando os bagos tão inteiros, viçosos, iguaes e limpos, que não parece ser, cada uma d'ellas, se não um immenso cacho cortado na vinha com todo o cuidado.

N'estas palavras que teem o valor de uma sentença, tal é a auctoridade do juiz que as profere, accentua-se o esmero, a precisão, o escrupulo, a ordem, com que são n'aquelle casa executados todos os trabalhos que respeitam ao fabrico do vinho, continuados e sempre aperfeiçoados em harmonia com o desenvolvimento e progresso d'aquelle industria.

Outro homem de ciencia, o dr. Paulo de Moraes, que tanto se tem dedicado, em proveito publico, aos estudos agricolas, tão conhecido no paiz pelos seus trabalhos na especialidade, entre os quaes se salientam



Vista geral



José Augusto de Paiva



José Antonio Fernandes



Armazem n.º 1

esses instructivos e utilíssimos *Manuais de Agricultura*, esse escreveu e firmou, em justa homenagem á memoria de José Maria da Fonseca, estas palavras que foram publicadas na Correspondencia de Portugal de 13 e 21 de Fevereiro de 1886:

“E’ hoje um titulo de gloria vinicola para a cidade de Setubal, titulo que esta não comprou mas que o habito consagrou — a denominação de vinho moscatel de Setubal — dada á especialidade oenologica que José Maria da Fonseca se não inventou, de certo restaurou com grande lustre e não menos proveito nacional. Esta bebida licorosa não é fabricada nem produzida e ainda menos exportada pela barra d’aquella formosissima povoação, que domina a embocadura do rio Sado. As officinas vinarias que pertenciam ao fallecido vinicultor estão situadas na viçosa povoação, ao Sul do Tejo denominada Villa Nogueira de Azeitão, tendo porante-mural, ao sul, a Serra d’Arrábida e Espichel, mettendo-se de perneio o delicioso valle do Picheleiro. As plantações de vinha moscatel mais afamadas acham-se situadas em parte d’aquelle valle. As restantes occupam as encostas geralmente pouco accidentadas constando de margas, grés fino desagregado, e calcareos.”

E como se não bastasse este diploma tão valioso pela auctoridade que n’elle reflecte o nome que o subscreve, quinze annos depois o mesmo illustre homem de sciencia, no seu importante estudo geral da Economia rural da 7.ª repartição agronomica, publicado em 1899, passando a fallar dos vinhos de Setubal, cita com alto louvor os merecidos creditos que gozam os vinhos moscateis da actual firma, garantidos pelas distincções de primeira ordem obtidas em todas as exposições nacionaes e estrangeiras, e pela larga clientella que lhe proporciona o commercio sul-americano.

Mas, para que citar outras opiniões, se todas são concordes na homenagem a que tem direito o trabalho, quando é exercido honestamente, quando redundam em vantagem publica, e quando, em todas as suas manifestações, acompanha o progresso ?!

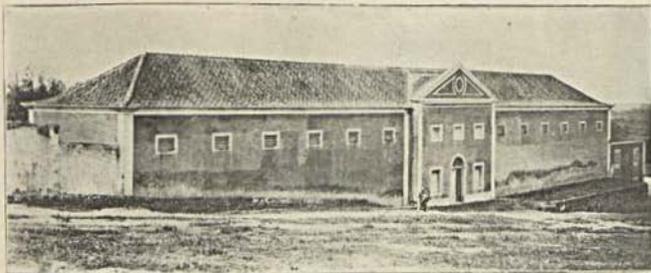
Uma das terras mais interessantes do paiz é, sob muitos pontos de vista, Azeitão. Ao lado do palacio nobre, como o do duque de Aveiro, que diz nas suas ruinas a tradição da velha fidalguia portugueza, os armazens de vinho moscatel, que dão da industria moderna uma ideia tão nitida e tão levantada. A par da quinta da Bacalhos, o vetusto solar fidalgo, cujo brazão perpetua o nome de Albuquerque, que foi dos mais gloriosos da historia portugueza, a casa de lavoura com todos os seus engenhos, machinas e utensilios, como essa em que um dos maiores espiritos de Portugal d’este seculo atravessou os dias porventura mais agradaveis da sua vida, trocando a clinica pela agricultura. De fórma que n’essa pittoresca e ridente povoação do outro lado do Tejo o passado está de mãos dadas com o presente, e a tradição gloriosa parece completar-se e aformosear-se com o trabalho que nobilita.

E da actividade intelligente e productiva não ha manifestação superior á que offerecem os armazens e officinas. Examinal as é avaliar desde logo a importancia d’este estabelecimento vinicola, constituído por sete armazens, cinco dos quaes são contiguos, communicando-se todos interiormente. Os outros dois estão isolados. Ha junto d’elles habitações para o chefe do pessoal, para sua familia e para empregados subalternos. Tambem all tem residencia temporaria um dos socios da firma, o sr. Paiva, tendo o outro socio casa em Azeitão, onde vive sempre.

Por detraz de todas estas edificações ha um grande pateo, logradouros e serrentinas, um pequeno parque de recreio com ruas ajardinadas e, sobranceiro, com uma parede de suporte vestida de limoeiros em todo o seu cumprimento, um *plateau* com um bello pomar de laranjeiras e outras arvores fructíferas, abrigadas das temporaes por uma parede de piteosporum, tendo na frente da casa nobre um pequeno jardim ao centro.



Armazem n.º 2



Vista exterior dos armazens

Junto d'este passeio ha uma fachada em rampa de arvoredo frutifero, orlado de ruas, em parte cobertas de parreiras de uva ferral, e na parte mais alta, ao centro, existe uma edificação acastellada contendo em si um deposito cimentado da capacidade de cincuenta e tantos metros cubicos, para receber a agua, que um moinho de vento automatico tira de um poço que fica proximo e d'onde vae canalizada para todas as dependencias do estabelecimento.

Typo de bom, leal e hon-



Uma dependencia dos armazens

rado velho é o que n'esta pagina se vê em medalhão. E' aquelle a quem os proprietarios confiam a direcção de todos os trabalhos e operações nos armazens. E nada mais justo que registar n'estas columnas o nome de Antonio Coelho, um homem modesto e desprezioso, cuja competencia e tino pratico estão acima de todo o louvor.

Mas, alem do vinho moscatel, licoroso, agradável, affrontando e vencendo todos os competidores, sae dos armazens fundados por José Maria da Fonseca, um companheiro, um accessorio — o cognac moscatel — cujo consumo tem progressivamente augmentado.

Neophito, fez o seu apparecimento no mundo com a simples denominação de *Aguardente Moscatel*. Taes exigencias tem porém o commercio moderno, quanto mais não seja em nomes que tenham o cunho accentuadamente estrangeiro, que a aguardente foi christmada em cognac e é com esta christma, cognac moscatel, que ella hoje corre mundo, encontrando por toda a parte paladares que lhe não apaixonadamente afeiçoados.

Companheiro inseparavel do vinho precioso, o cognac moscatel aspira e absorve os seus aromas logo que nasce, vive com elle em familia, cada um nos seus aposentos — *moralité oblige* — e ahí se conservam até chegarem á maioridade, na qual apparecem então

em publico, aptos para longas viagens e para a lucta da vida.

O vinho moscatel não está apto para visitar os seus apaixonados, em condições de ser bem recebido e festejado, antes de seis annos de armazem, e o cognac acompanha-o como amigo dedicado que é de quem lhe deu cunho e apellido, resolvendo mesmo, para não desmanchar prazeres, contentar-se com o valor do seu companheiro querido. Não desconhece contudo que, se fosse mais egoista, deixando marchar sózinho o seu amigo e ficasse até prefazer uns doze annos, muito quietinho nos seus lares patrios, não deixaria de ganhar muito com isso e de obter mais alta e digna cotação.

Contudo *à quelque chose malheur est bon*, e a prova é que este inseparavel do vinho moscatel, porisso que é pouco exigente se tornou muito popular, sendo ambos recebidos com o mesmo carinho, e obtendo juntos os primeiros premios nas exposições a que tem concorrido, tanto no tempo do benemerito fundador como na gerencia da firma actual. Com effeito, desde 1888, no paiz, em Berlim, em Paris, Barcellona e Republica Argentina, por toda a parte tem conquistado medalhas de ouro.

Com outro producto figura ainda finalmente a casa de que nos occupamos. E' o vinho Palmella superior, generoso, de subida gradação alcoolica. Este não pode nem deve apresentar-se em publico senão depois de ter doze annos de armazem. Alem de excessivamente agradável o Palmella superior, que tem no paiz o seu maior consumo, é um producto therapeutico que os medicos aconselham.

E visto finalmente que queremos exgotar não ... o vinho, mas o assumpto, preciso se torna fazer especial e merecida referencia a outra qualidade ainda, da mesma casa: o vinho moscatel Setu-



Antonio Coelho



O engarrafamento



Armazem n.º 3

Muitas vezes os politicos novos
perdem os povos, e os generaes ve-
lhos os exercitos.

S. TAURNADE.

A verdadeira sensibilidade consiste
em compartilhar as miserias de que
se está isento.

A coragem é a crença na força pro-
pria.

DAVANT.

Paradoxo: uma mosca na face da
Verdade.

Escandalo: o ponto de honra do ví-
cio.

Hypocrisia: a homenagem prestada
pelo vicio á virtude.

Toda a gente tem ridiculos: a diffe-
rença é que uns estão acima d'elles
e outros abaixo.

O espirito de certas mulheres é
como o perfume de certas flores: co-
meça por lisongear o olfato e acaba
por fazer dores de cabeça.



Armazem grande

bal roxo, feito pelo mesmo processo
de vivificação. Este faz-se apenas
com grande lentidão, exigindo para
se tornar bebvél, perfeito, 15 annos
de armazen. Quem tiver a dita do
o beber, — por bom preço — verá que
não dizemos senão a verdade. E com
esta palavra remata a breve noticia
que de um dos mais importantes es-
tabelecimentos vinícolas do paiz da-
mos hoje ao leitor do *Brasil-Portu-
gal*.

Muito de proposito nos alongámos
na descrição d'elle para bem accen-
tuar o interesse que toma esta Re-
vista por todas as manifestações no-
bres da actividade, pelos progressos
da industria ou do commercio.

A casa fundada por José Maria da
Fonseca e tão honramente continua-
da por aquelles que lhe succederam
é a demonstração cabal do valor,
da lisura, da iniciativa intelligente
e da vontade superiormente orien-
tada.

Por isso o *Brasil-Portugal* consagra
hoje estas paginas aos vinhos mos-
cateis de Azeitão.

A TI

Em troca d'um amor immenso e acrisolado
teus affectos pedi sonhando, aurea ventura;
«não!» disseste-me tu; bem cedo a minha vida
esmagal-a quizeste em transes de amargura!

✠ Dilaceraste-me a alma! e tu nem mesmo pensas
quanto dóe um martyrio incognito e sem méta...
mas não te culpo emfim! culpo o destino apenas
que a ti te fez tão linda, e a mim me fez poeta!

CAMPOS OLIVEIRA.

Centenario de Castilho

Das manifestações se salientaram entre aquellas com que Lisboa celebrou o primeiro centenario do nascimento de Antonio Feliciano de Castilho. E tornando-se, á data em que se realisaram, impossivel inscrever-as no ultimo numero do *Brasil Portugal*, commemorativo d'essa data gloriosa, são ainda que tardiamente, registadas no numero de hoje.

A primeira é o solenne desceramento da lapide que a camara municipal de Lisboa mandou patrioticamente collocar no predio da rua de S. Pedro de Alcantara, em que nasceu o grande poeta.

A segunda é a recita no theatro de D. Maria em commemoracao d'esse festivo centenario. É do lapis de Augusto Pina, director artistico da Revista, o *croquis* que reproduz n'um dos seus aspectos esta festa glorificativa.

A lapide, coberta com um tapete de velludo vermelho, foi descerada, ao som do hymno nacional, pelo presidente da camara municipal de Lisboa, o conde de Restello. E finda essa cerimonia o chefe de seccão da secretaría da camara leu o seguinte

AUTO

No anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, aos 26 dias do mez de Janeiro, pelas duas horas da tarde, n'esta cidade de Lisboa, rua de S. Pedro de Alcantara, freguezia de Nossa Senhora da Encarnação, comparecendo a commissão nomeada pela camara municipal de Lisboa, em sessão de 11 do mesmo mez, para officialmente a representar no acto solenne da inauguração d'uma lapide commemorativa do nascimento do glorioso poeta que tanto enriqueceu a litteratura patria no decimo nono seculo, resolveu, mandar collocar na fachada do predio n.º 13 a 21 da rua acima indicada, para que a proprietaria do predio exm.º sr. D. Eusebia Felicidade da Silva Nobre, presteu a sua aquiescencia, achando-se presentes mais os sr.s vereadores da referida exm.º camara e pessoas por ella convidada para assistir á cerimonia, que todos assignam o presente auto, prestando as devidas honras o corpo dos bombeiros municipaes, com a sua banda marcial e assistindo as crianças dos escholas municipaes e dos sr.s internats, á cargo do servico da Beneficencia Municipal, na presenca de todos e de grande concurso de povo, o exm.º sr. conde de Restello, presidente da dita exm.º camara, tomando o cordão que prendia a cortina que velava a lapide, decerrou-a, tocando, n'esse momento, a sobredita banda, o hymno nacional.

E a dita lapide, que mede 1,04 de largura, por 0,77 de altura, contém a seguinte inscripção:

N'ESTA CASA NASCEU A 26 DE JANEIRO DE 1800 O ILUSTRE PORTA, INSIGNE PROSADOR E DEDICADO PROPAGANDISTA DA INSTRUÇÃO POPULAR ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO, 1.º VISCONDE DE CASTILHO COMMEMORANDO O 1.º CENTENARIO DO SEU NASCIMENTO.

A CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA MANDOU COLLOCAR ESTA LAPIDE

Concluindo assim esta cerimonia, foi lavrado o presente auto, que eu João Castano d'Almeida, 1.º official chefe da segunda seccão da secretaría da camara municipal de Lisboa, no impedimento do ex.º sr. secretario da mesma camara, e breve, subcrevo e assigno.

É do presente auto se extrahir uma copia autentica para ser enviada ao archivo nacional.

D. João de Alarcão, José d'Alveido Castello Branco, conde de Restello, Augusto de Castilho, Martinho Guimarães, Manuel José Monteiro, Correia Guedes, Nogueira, Vaz Lirim, inspector dos incendios Augusto Ferreira, dr. Pessoa de Amorim, dr. Barros Gomes, dr. Cau da Costa, João José de Sousa Telles, Martinho Tenreiro, Eduardo Augusto Valladin, dr. Trindade Coelho, Francisco de Castro Brito, visconde de S. Valentim, João Mello Barreto, Henrique de Vasconcellos, Augusto Pina, Jayme Victor, Faria Pício, Pedro Lourenço de Mattos, Antonio José Alves, Augusto Rato, Julio Corte Real de Novaes, Jayme Valente, Alfredo de Mesquita, Victor Ribeiro, Antonio Cezar Maria Junior, Afonso Pereira Machado, João Castano d'Almeida.

A RECITA

Bem fez a companhia societaria de D. Maria em honrar no theatro que, nas multiphas manifestações de talento litterario, honrará tambem o theatro nacional. Encheu-se n'essa noite, como era justo, a elegante sala d'essa casa onde brilhou o espirito de Moitres, por tal forma fundido e realçado no espirito de Castilho, que se torna impossivel separar-os. E a comedia o *Anginho da pelle do Diabo* accommodada por esse incomparavel prosador á scena portugueza, foi aquella que os artistas escolheram para essa noite commemorativa, para que, corridos tantos annos sobre a morte do poeta, a geraçáo que o não conheceu pudesse bem aquilatar o que é a graça portugueza, a genuina, a inconfundivel graça portugueza, quando a vibra e a espalha como um prodigio o talento na sua força productiva.

Esta foi a homenagem que fechou a serie de quantas n'esse dia a sociedade portugueza prestou á memoria inolvidavel de Antonio Feliciano de Castilho.



As manifestações em D. Maria — Uma scena do *Anginho da pelle do diabo* — O busto de Castilho



A Mumia

Tres mil annos, tres mil, depois da morte,
Acorda o alvivo á fúnebre movida;
A mumia ergueu-se e grita estremunhada:
«Quem bate assim, quem bate ahí tão forte?»

Ha tres mil annos dorme, descaçada,
A sombra que vestiu a minha sorte.
Deixae, deixae que o Infinito Sonho aporte!
Deixae, ó vivos, descaçar o Nada!

Ha tantos dias que a minha alma olvida,
E ainda soffro, ouvindo-os lá em cima!...
— Tal odio e nojo m'inspirou a Vida!...

Não tive um só amigo verdadeiro,
Nada encontrei capaz d'amor e estima!...
— Deixae que durma e esqueça o mundo inteiro!...

Teu olhar

Existe em teu olhar não sei que doce encanto
que minh'alma escravisava e que meu ser enleva;
sim! nelle ha para mim um como effluvio santo
que do celeste gosó á região me eleva.

Quando o abutre da dôr a furia insana ceva
em meu peito dorido e me rebenta o pranto,
procuro-o como a luz que da profunda treva
rasga, em meio da noite, o tormentoso manto.

E meu olhar maguado, e meu olhar ancioso,
nesso teu longo olhar, brando como um arminho,
vae-se fitar a rir, vae-se perder ditoso,

como num tenue galho a embalar um ninho,
como a flor a boiar num lago bonaçooso
como um berço a oscillar ao maternal carinho.



NOTAS DA QUINZENA

*T*o vinho veritas.

O Congresso Vinicola, que ultimamente vimos reunido em Lisboa, mais uma vez confirmou o velho proverbio latino. De toda a parte do pais acorreram ás salas da Sociedade de Geographia os grandes e pequenos vinicultores, e uma vez encetados os trabalhos, que o Chefe do Estado inaugurou com tão vibrantes palavras de saudação e de incitamento, e ás quaes respondeu com não menor entusiasmo, nem com menos brilho, o illustre presidente da Real Associação da Agricultura, foi-nos dado assistir ao curioso espectáculo que só districta quem, absolutamente alheio á influencia da materia que principalmente se debate nestes Congressos Vinícolas, assiste, da galeria, e inteiramente a sangue-frio, á desusada movimentação de uma assembleia numerosa e confusa, de que se acham fazendo parte, quatro mil individuos que entrarão muito pelo vinho, e que a tal respeito se decidiram a dizer toda a verdade, com essa nobre isenção que nos dá sempre o saboroso licor que está dentro da uva. A verdade, neste questão dos vinhos, é por vezes, e por vezes o foi a verdade dos trabalhos do Congresso, verdade bem amarga, como se dissessemos — muito abundante em tanino. Mas de cada vez que a fermentação dos animos ameaçava desviar os debates para algum ponto em que a discussão podesse azedar-se, lá estava o sr. Conde de Bertiandos para deitar agua na fervura... Vamos a dizer: para deitar agua — no vinho.

Admittindo para o presente caso um possível sentido figurado da expressão, que tantas vezes empregamos, a respeito da influencia que o vinho exerce em algumas pessoas do nosso conhecimento, quando d'elle abusam, poderíamos talvez applicar, com alguma propriedade, essa mesma expressão acerca dos oradores que mais se distinguiram na discussão dos varios pontos e que o Congresso teve em vista assentar, definir e regular; e diríamos, por exemplo, que o sr. Marianne de Carvalho teve o vinho muito alegre; que o sr. Manoel Pestana teve o vinho muito atrabiliario, sem todavia perder de vista o *urbi* das suas afirmações; que o sr. Visconde de Chancelleries mostrou, como sempre, ter o vinho muito caloroso.

Ainda um sentido sempre figurado, poderíamos assignalar alguns illustres congressistas a quem o vinho subiu tão violentamente á cabeça, que tiveram de ser chamados á ordem pelo digno Presidente, — no qual o vinho se manifestou d'uma affabilidade e d'uma ternura lyricas, desde o discurso de resposta á Corôa na sessão inaugural, até ás phrases congratulatorias com que encerrou os trabalhos.

Insiatindo, já agora, nesta phraseologia especial a que se presta o assumpto — não devendo ser caso para espantos que o chronicista alegre exhiba alguns trocadilhos de phrase da sua lavra, num assumpto que até se presta a trocar as pernas, por conta do lavrador... — diremos ainda que as sessões do Congresso em que a discussão se tornou, naturalmente, e como era de esperar, mais acalorada, foram aquellas em que entrou o alcool — incluindo o alcool de cereas; sendo curioso notar como alguns oradores, que tão bem haviam harmonizado as suas opiniões quando se tratara exclusivamente de vinhos, já não se achavam dispostos a seguir então nas mesmas aguas... ardentes.

Se este simples relato dos casos da quinzena não tivesse de ser feito, como é, num relance de olhos; e se da fugidia generalidade podessemos passar, como tanto desejaríamos, á especialidade, não deveria merecer nos menção menos detalhada o modo por que se apresentaram, a defender o parecer das varias secções, os seus respectivos

relatores. Assim, diríamos como o sr. Barjona de Freitas foi secco, ligeiramente acido, pouco alcoolico, sem assucar por desdobrar; como o sr. Macieira foi eueptico, pouco tannoso, de bica aberta e fermentado sem a balsa; como o sr. Oriol Pena nos pareceu leve, fresco, delicado, sem acidez, nem o menor indicio de poder fermentar; como o sr. Dom Luiz de Castro se mostrou encorpado, chro e gordo, ferruginoso, tambem pouco alcoolico; finalmente, como o sr. Cincinato da Costa soube ser macio, avelludado, mais ou menos doce, e, todavia, de força alcoolica leveza (15 a 18°)...

Não faltou quem quizesse vêr em certos elementos que predominaram no Congresso, e que sobremaneira influíram nas suas conclusões, pronunciadas côres politicas. A opinião imparcial notou, porém, que o Congresso se absteve, absoluta e criteriosamente, de todo o proposito politico; e assim se misturaram, numa côr só, todas as varias nuanças que, necessariamente, tanta gente reunida, e de tão diversa proveniencia, devia trazer consigo. Quanto a nós, o Congresso teve uma muito pronunciada côr de mosto.

Percorrendo a frásqueira dos nossos apontamentos, vemos que, depois do Congresso Vinicola, o assumpto de maior resistencia — como se dissessemos o vinho de pasto da quinzena, foi o projecto de reforma do notariado, que para o sr. José Alpoim, ministro dos Negocios da Justiça, e para o sr. Abel Andrade, deputado da Nação, se tornou um verdadeiro vinho espumoso, a tal ponto que, de uma simples troca de injurias no Parlamento, passaram a uma troca de balas na Ameicoeira.

Se este caso de São Bento nos não tivesse bastado para provar que a fortuna nem sempre ajuda os audaciosos, teríamos tido ainda o caso de São Carlos, de que a Senhora Cavallieri apenas ponde sahir-se menos airoosamente do que o sr. Abel Andrade. Porque o sr. Abel Andrade não voltou as costas ás offensas do sr. Ministro da Justiça, e a Senhora Cavallieri offereceu o flanco á platéa exasperada do nosso theatro lyrico. Em todo o caso, e do mal o menos, o que ninguém ousou contestar ao illustre representante do pais foi a coragem das suas afirmações, e á formosa cantora das *Folies Bergères* a authenticidade dos seus brilhantes.

Ao mesmo tempo que o sr. José Paccini, empresario de São Carlos, despedia a Cavallieri, que não chegou a saber como em Lisboa se sabe fazer um cerco á dama, o sr. José Luciano, empresario do Governo, tomava a resolução de despedir a peste, e levantou o cerco ao Porto. Assim nos vimos livres de uma cantora, que o não era, e de uma epidemia, que tambem o não era.

Aproveitando os assomos de energia com que o Governo parece ter entrado no proposito de pôr termo aos grandes flagellos nacionaes — precisamente no momento em que toda a gente imaginava que elle sahia do poder — pediu a palavra na Camara Alta o sr. Hintze Ribeiro, para levantar pelos cabellos a questão do jogo, e intimar o sr. José Luciano a que jogasse finalmente, neste assumpto, uma tremenda cartada decisiva. Mas o nobre Presidente do Conselho mais uma vez baralhou as razões que os governos allegam em taes casos, e da discussão não resultou, como se costuma dizer, mais luz.

Nestas circunstancias, votou a Camara Municipal que se augmentasse, temporariamente, o preço do gaz.

E estamos nisto.

ALFREDO MESQUITA.

Africa Oriental



O Arsenal de Moçambique

THEATROS



Durante a ultima quinzena, tirante *S. Carlos*, não houve, a bem dizer, novidades nos theatros; a sua actividade tem-se quasi exclusivamente consumido na intima preparação de futuros trabalhos; de sorte que a nossa penna de chronista deveria hoje, para adequado registro de todo esse movimento, converter-se, não propriamente na lanterna de Diogenes, mas n'um penetrante monocolo *subob*, que inquiritivamente fôsse apprehendendo, por esses

mysteriosos desvãos da arte, o *quantum* que de inedito e por ventura de escandalo, a esta hora afanosamente se cosinha e se prepara.

Começando, pois, por

S. Carlos

ahi é de inteira justiça affirmar que tivemos duas novidades de sensação, as quaes foram ao mesmo tempo duas deliciosas commoções artisticas: a audição de Bellincioni na *Sapho*, e de De Lucia no *Rigoletto*.

Esta Gemma Bellincioni ha dezeseis annos que pisara o palco de *S. Carlos*, e era uma adoravel figura então, em todo o melindre e frescura da sua rompente mocidade. Agora reapareceu-nos, artista e cantora feita e confirmada, forte da consagração dos primeiros theatros lyricos estrangeiros, e veio plenamente justificar, no modo superior como interpreta a protagonista da bella opera de Massenet, quanto é solido e legitimo o valor da sua fama. De uma linha muito distincta e grande expansibilidade de jogo physiologico, admira-se ainda n'esta eminente cantora a pureza e agilidade da voz, e o excellentissimo methodo de canto, que lhe permite tão nitidamente enunciar as phrases de *portamento* e os passos de mais difficil vocalisação.

Cumulou-a o publico de applausos, tanto nos *duettos* do 2.º e 4.º actos, como na scena do 3.º, com os *parecens*, e n'aquella grandiosa pagina, tão repassada de sentimento e tão simples, do trecho final. A famosa *canção proencnal* teve de ser bisada.

No desempenho da *Sapho* salientaram-se tambem a sr.ª Marielli, e os srs. de Luca e Rossi. O *ensemble* vocal e instrumental é que correu um pouco *à la diable*.

No *Rigoletto*, o tenor de Lucia alcançou um exito completo. São realmente notaveis, e filhas da mais feliz disposição para o genero, a sua facilidade em *smorzar* e a sua brincada gymnastica de vocalisação.

Toda a *opera* o bravo tenor phraseou com grande distincção, arrastando, cortando e refohando a voz, por vèzes em magnificos effectos de claro escuro, por uma forma que em successivas fascinações captou e enthusiasmon o publico. No 1.º acto a *romanza*, no 2.º, o *duetto* de amor e o *quartetto*, e a canção do 3.º, foram applaudidas com calor, tendo De Lucia de *trizar* este ultimo trecho. No final da peça, teve equal-

mente algumas chamadas especiaes.

Na parte de *Gilda*, a sr.ª De Roma, que não é propriamente uma cantora de genero ligeiro, houve-se melhor que uma artista-soprano dos seus recursos o poderia fazer. Eguamente Saumarco representou e cantou muito distinctamente a parte de *bobo*, com especialidade a aria, e a *caballèta* do 3.º acto.

E d'esta vèz — finalmente! — não ha senão que applaudir o arranjo e execução do conjunto. — Encontrou afinal o *maestro* Conti, n'esta inspirada *opera*, — a mais brilhante de todas as da primeira *maneira* de Verdi, — a exacta applicação e medida das suas aptidões. Parabens...



CARMEN CARDOSO
(Do theatro da Trindade)

E feita, repetimos, com respeito ao theatro lyrico, esta sigela rensha de *novidades*, pelos outros theatros quasi que não nos resta senão denunciar a linha que o seu encarnado trabalho de sapa vae seguindo, na ardua faina de preparar espectaculos para o proximo Carnaval. Em

D. Maria

exgotado o *Mercalet*, e enquanto se não acaba de apurar uma peça de Lavedan, voltou sensatamente a empreza a explorar a deliciosa comedia *Peralhas e Secias*, tão esgrasante e tão leve, que tanto agradou e agrada sempre, a ponto, parece, de se eternisar no cartaz e de fazer escola.

Deveriamos ter, na noite de 9, uma récita de sensação no theatro

D. Amélia

e vinha a ser a *première* da celebre *Femme chez Maxim*, de Feydeau, trasladada a portuguez com o titulo de *A Lagartixa*, e em que um dos principaes papeis vae ser desempenhado por Angela Pinto. A doença, porém, do actor Augusto Antunes fez adiar essa récita, por modo que já na presente chronica nos não podemos referir a ella. Nem, de resto, a nada mais que diga respeito a este elegante theatro, o qual na ultima quinzena se limitou... a fazer arte retrospectiva.

Trindade

Entrou em annos uma revista do ultimo anno, da qual nos dizem maravilhas, o que não nos repugna anticipadamente acreditar, desde o momento que sabemos serem seus auctores Accacio Antunes e Eduardo Fernandes (*Esculapio*), nossos talentosos collegas do *Seculo*. Entretanto, vão reali-



EMILIA LOPES
(Do theatro de D. Maria)



MARIA FALCÃO
(Do theatro D. Amélia)

sando o seu beneficio de escriptura os principaes artistas d'este theatro; e, entre estas uma festa se annuncia particularmente encantadora, qual vae ser a *serata d'onor* de Carmen Cardoso. Nada mais justo; porquanto a figurinha esperta e colleante d'esta artista, estonteadora creação feita de malicia e de nervos, de vivacidade e frescura, é sem contestação uma das individualidades mais valiosas, finas e attrahentes do feminino *elenco* dos theatros nacionaes. Adora-a o publico sinceramente, e de ha muito conferiu uma bem alta cotação, na sua admiração e na sua estima, á endiabrada *Michonne d'Os 28 dias de Clarinha*, á gaiata interprete d'*O carro do Jacintho*, pela desenvolta graciosidade de seu porte, a voluptuosa noite liquida dos seus olhos, e a mordente e espirital sublinha no seu dizer.

Avenida

No proximo dia 16, teremos finalmente a primeira representação da apparatusa peça, *A Viagem de Suzette*, a qual vae posta em scena com um deslumbramento, um luxo, uma ostentação e um esmero como nunca se viu melhor em palcos portuguezes. A peça merece-o; mas, traduzida já ha bem tempo por Gervasio Lobato e Eça Leal, e sendo uma das condições imprescindiveis do seu exito um opulento desdobrar de visualidades, indefinidamente ella estava ameaçada de ficar esperando, — verdadeira *sebastianista* da Arte, — a apparição de um empresario de rasgado arrojó, se não fóra Pepa haver tomado conta d'ella... Pepa, a molvidavel e insubstituivel artista, d'uma petulancia e d'uma graça eguaes somente á sua iniciativa, e que, feliz-



ANTONIO PINHEIRO
(Do theatro de D. Amelia)

mente para todos nós, lisboéttas, vereis este anno, após prolongado eclipse, reacender á fascinadora coruscancia do seu talento a nossa admiração e o nosso enthusiasmo.

Na montagem d'esta *Viagem de Suzette* desdobrou a prestigiosa artista o melhor dos recursos da sua actividade, fino tacto e *savoir faire* theatral. Nada menos de quatro scenographos prepararam o scenario; o guarda-roupa tem fatos para quinhentas figuras. Durante o correr da peça, viajará o espectador idealmente pela Hespanha, pela Grecia, pela Arabia, pela Persia... A musica é de Leon Vasseur. E Pepa e Alfredo de Carvalho, o grotesco antiquario e professor, têm além de Cinira, Pedro Cabral, Elvira Mendes, etc., deliciosos e pittorescos papeis.

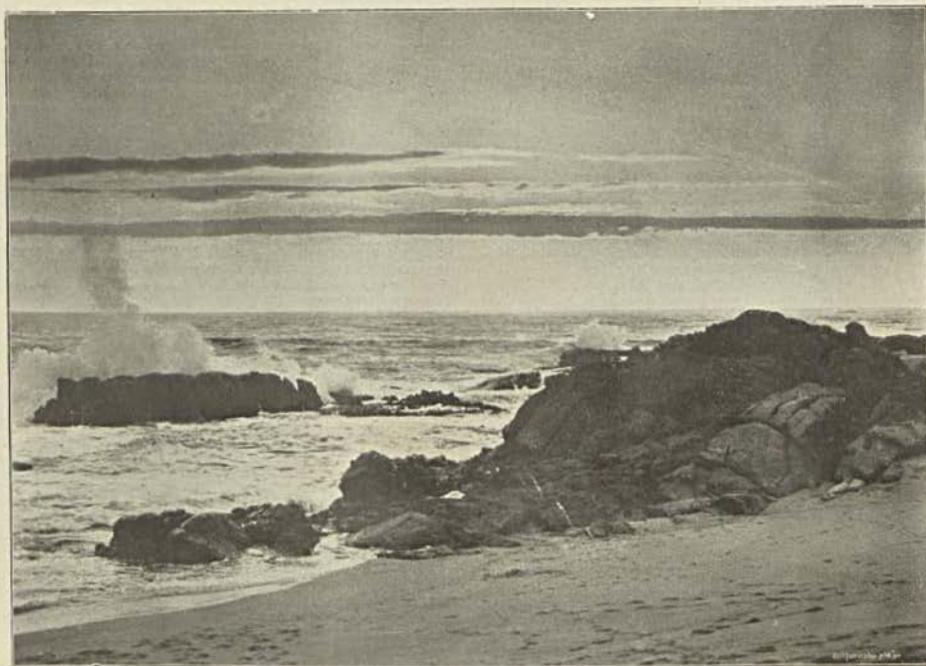
Ao mesmo tempo, a infatigavel actividade de Pepa ainda lhe deixa occasião para tratar de organizar uma esplendida companhia de *vaudeville* e *operetta*, que no verão proximo, e a recomençar pelo theatro *Recreio*, do Rio, fará uma demorada excursão pelo Brasil.

E, dizendo que o *Gymnasio* apura uma espirituosissima *charge*, original de Luiz Galhardo e Manuel Penteado, que a *Rua das Condes* ensaia uma peça, tambem de Feydeau, para beneficio de Mercedes, o suggestivo e apaixonado galan d'*O poeta de Mabrepas*, e que no popular theatro da rua da Palma teremos breve uma revista muito interessante, — terminamos o que hoje nos cumpria registrar.

ABEL BOTELHO.



Exposição photographica na Sociedade de Geographia de Lisboa



Pôr do Sol

Cliché de Domingos d'Almeida, phot. amador

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 30

Páginas suplementares: Off. Estevão Nunes & F.ª
Rua d'Assumpção, 15 e 24
Romance: Typographia Castanheteiro
Calçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjô Tavares

Editor

Luiz Antonio Sanches

Redacção e administração—Rua Ivens, 52
LI-BOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO
Anno	(moeda brasileira)	Anno	88000
Numero avulso	4\$200	6 mezes	38500
	3\$500	3 mezes	28000
		Numero avulso	8500

SUMMARIO

Chronica—Conde Dampias—Ramalho Ortigão.
Os pavilhões da Exposição de Paris—João Barreira.
Correspondencia do Quatro Mundo—desenho de Alfredo Cantido.
Viacosta de Sucona.
Vinhos Moscatela de Azeitão.
Pimentas.
A ti—versos de Campos Oliveira.
O carnaval—desenho de Celso Hermínio.
Notas da quinzena—Alfredo Mesquita.
O centenário de Castilho.
A muniã—versos de Martinho de Braderode.
Teu olhar—versos de A. Henriques.
Theatros—Abel Botelho.

Páginas suplementares

Os nossos correspondentes.
O brinde aos assignantes.
Cariocas.
Recitas.
Anecdota.
Bibliographia.

CARTAZ DA QUINZENA

27 ILLUSTRAÇÕES

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e **S. PAULO**—(Agencia Central dos Estados do Sul). Coronel Theodilo Pupo do Moraes e José Martins Pollo, Rua da Afandega, 4, sobrado.
PERNAMBUCO—Leopoldo A. da Silveira
PARA—Manuel Ferreira Santos Junior (casa Very-Well).
MANAOS—Lino Aguiar & C.ª
MARANHÃO—Leonio J. de Medeiros & C.ª
CEARA—Salles Torres & C.ª
BAHIA—Souza Vianna & C.ª Rua dos Ourives, 2.

PELOTAS—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).
PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).

RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana) Rua Marchal Floriano, 100.

Em Africa

BOLAMA (Guiné)—Cesar A. Gouveia da Silva Homem, Theozoinero geral da Provincia.

MOSSAMEDES—José Maria Pereira, escrivão e tabelião.

QUELMANE—Henrique Lima.

No Continente

PORTO—(Agente geral no Porto e no norte.) Antonio Couto Fernandes, Rua de Camões, 11, A, 2.ª

EVORA—(Agente geral em Evora e no Sul.) Luiz Freire Correia, director da Escalção dos tabacos.

A Empresa do BRASIL-PORTUGAL espera dentro em pouco completar a relação dos seus correspondentes em todos os Estados do Brasil, e em Portugal e colonias.

Com elles se poderão entender directamente os seus subscriptores e leitores do BRASIL-PORTUGAL.

Aos nossos assignantes no Brasil e em Portugal

Restabelecidas as communicações maritimas entre Portugal e o Brasil, restabelecer se-ha ao mesmo tempo a regularidade das remessas do *Brasil-Portugal*.

Se os numerosissimos assignantes que contamos no norte e no sul da grande Republica estiveram algum tempo privados de receber a nossa Illustração, a culpa foi exclusivamente das medidas sanitarias que por um lado interrompiam as communicações e por outro lado obrigavam a desinfecções tão rigorosas no Brasil, que entre o dilemma de expôrmos os nûmeros a serem estragados ou de os remettarmos mais tarde, juntos, óptimos pela segunda parte.

Felizmente a peste... morreu, e os impedimentos vão cessar. Voltaremos á primitiva regularidade, expedindo para o Brasil os nûmeros da Revista ao passo que se forem publicando. A falta,

repetimos, nunca foi nossa, porque nunca o *Brasil-Portugal* deixou de apparecer dez vezes por mez, conforme o seu programma. Se a uma parte d'elle temos faltado, isto se nos tem sido, apesar de tudo, impossivel conseguir que a Revista saia nos dias designados, 1 e 16, não é ainda nossa a culpa, mas de difficuldades invencíveis até aqui. Felizmente encontramos meio de superal-as. Os assignantes de Portugal vão receber a publicação, impreterivelmente nos dias marcados.

LORJÓ TAVARES

A' brilhante despedida feita nas cidades do Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro a Lorjô Tavares e a sua esposa, segundo os jornaes que temos á vista, correspondeu a affectuosa recepção, brilhantissima tambem, que tiveram em Lisboa, onde foram esperados a bordo de um vapor do arsenal de marinha por numerosissimas pessoas, grande parte das quaes foi acompanhar os recém-chegados á sua residencia.

Esta manifestação de estima, que muito penhora os collegas de Lorjô Tavares na redacção do *Brasil-Portugal* completou-se com o banquete, que a convite do sr. conselheiro Augusto de Castilho, como director d'esta Revista, foi offerecido, no dia 12 d'este mez, no Hotel Internacional, ao nosso presado amigo e collega.

O BRINDE DO "BRASIL-PORTUGAL"

A Empresa resolveu offerecer gratuitamente, como brinde a todos os seus assignantes o **Número Extraordinario** consagrado ao 4.º centenário do descobrimento do Brasil.

Assim, pôz de parte a primitiva ideia que consistia em offerecer como brinde *O Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, que por estes dias sae dos prêcos da Companhia Nacional Editora.

Apesar de ser este almanach unico no seu genero, uma novidade no nosso mercado litterario. impresso em papel de luxo, com o calendario de Portugal e do Brasil, cerca de 500 gravuras, in-

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

tercalleadas no texto sempre interessante e variado, resolveu a empresa pôr á venda as duas edições já annunciadas d'este precioso volume e preferiu dar para brinde o **Numero Extraordinario**.

Esta preferencia representa, como é facil de ver, um verdadeiro sacrificio para a empresa, que a nenhum d'eseja poupar-se para mostrar a todos os seus assignatos o reconhecimento que lhes deve pelo exito cada vez maior d'esta illustração.

O **Numero Extraordinario** cuja tiragem será de muitos milhares de exemplares, no formato da Revista, e no mesmo papel de luxo, deverá conter cerca de 150 paginas, em que os maiores artistas e escriptores dos dois paizes, deixarão fixado o seu nome, firmando illustrações, versos, contos, artigos, será um repositório abundante, não só do glorioso passado, porque fomos reproduzir pela photographia e pela aguarella o que de mais notavel para o grande feito que se celebra possuem os archivos da Torre do Tombo, da Bibliotheca Nacional e da Sociedade de Geographia, — mas tambem do que de mais brilhante conta, no momento actual, a mentalidade portugueza e a mentalidade brasileira. Illustradores afamados dos dois paizes já figuram com desenhos originaes, e cerca de cem escriptores portuguezes e brasileiros dos mais queridos e dos mais altamente cotados, bizarramente accederam ao nosso appello, firmando com os seus nomes trabalhos expressamente feitos para este **Numero Extraordinario**.

Estas prematuras revelações fazem-as com o unico fim de mostrar a quantos nos honram com a sua assignatura, no anno que findou em 1.º d'este mez, que é digno d'elles o **Brinde** que lhes offerece a **Empresa do Brasil-Portugal**.

Resta só declarar que a distribuição d'esse **Brinde** não pode ser feita senão nos ultimos dias de março em Portugal, e nos ultimos dias de abril nas colonias ultramarinas e nos Estados da Republica Brasileira.

Que a demora nos seja relevada em attenção ás difficuldades a vencer e aos cuidados a em pregar com a organização de um livro como este, que pela arte, pela historia, pela litteratura, deverá ter um logar á parte em todas as bibliothecas.

CURIOSIDADES

O poder desinfectante do sabão

Muitas vezes vae-se procurar bem longe o que se tem bem perto.

E assim se pôde dizer quando se vai buscar para a lavagem da roupa e do corpo numerosas substancias chamadas antisepticas, que estão muito longe de valer o sabão ou sabonete vulgar, e que além d'isso não são isentos de grandes inconvenientes, e mesmo de verdadeiros perigos.

Recentes experiencias feitas na Alemanha por Mare Jalles, mostraram que uma solução de sabão é perfeitamente capaz de matar os microbios da febre typhoid e do cólera. Com uma solução de 1 %, são precisas doze horas de contacto, mas com uma solução de 7 ou 10 %, hesitam alguns momentos para que essa destruição se dê.

Deve-se saber que não é indispensavel matar os microbios para escapar á sua acção, e que uma substancia capaz de os matar n'um espaço de tempo mais ou menos, começa por lhe attenuar a virulencia, e pôde rapidamente tornal-os innocuos.

RECEITAS

Doce de milho á brasileira

Tomam-se umas poucas de espigas de milho das quaes os grãos ainda estejam em leite.

Tiram-se-lhe os grãos e pizam-se n'um gral; depois de bem pizados passam-se por uma peneira e peza-se tanto de assucar como de milho.

Põe-se assucar em ponto de voar e deita-se-lhe o polmo de milho que cose no assucar até que o ponto tenha subido bastante. Tira-se do lume e juntam-se tres gemmas de ovos bem batidos por cada quatrocentas e cincoenta grammas de doce. Em seguida deita-se n'uma travessa funda e vae ao forno a tostar. Serve-se na mesma travessa.

Pudding d'arroz

Coze-se uma colher de arroz n'uma pequena quantidade de agua, a que se junta uma pitada de sal, até que o arroz fique bem cozido e enxuto. Deita-se na forma que tem de ir ao forno, e deixa-se esfriar. Depois juntam-se uma garrafa de leite, de cuja quantidade se tira a porção d'uma chicara que se lerve em separado, com um pau de canella e uma cascata fina de limão.

Deita-se fervor durante dois ou tres minutos e junta-se no outro leite que está na forma. Batem-se seis gemmas de ovos e misturam-se com o leite, mexendo bem para ficar tudo bem ligado. Adiciona-se um calice de vinho do Porto, assucar sufficiente e um bocadinho de noz moscada. Derrete-se uma colher de manteiga, que se deita igualmente n'a forma. Vae ao forno a cozer a fogo brando.

Doce das Pedrozias

A quatrocentas e cincoenta grammas de assucar em ponto de espadana bixo juntam-se cento e dez grammas de amendoins pistadas e dás-lhes uma pequena fervura. Tira-se do lume e junta-se-lhes seis gemmas de ovos, tres claras batidas e duas mãos de farinha trigo.

Volta ao lume a cozer os ovos; tira-se de seguida do lume e deita-se em formas pequenas untadas de manteiga e vae depois ao forno.

Massapão de côco

1 côco ralado, meio kilo de farinha de trigo, 6 ovos (sendo dois com clara) uma colher d'agua de flores de laranja. Bata-se tudo e depois juntam-se 900 grammas de assucar em ponto de pasta, mexendo-se á proporção que se adiciona a calda, juntam-se depois umas 100 grammas de manteiga e uma colher de banha e leve-se ao forno bem quente em forminhas untadas de manteiga.

Belços de moça

Toma-se o leite de 2 côcos, deita-se-lhe uma colher de assucar refinado, e deixa-se fervor até a calda ter chegado ao ponto de xarope; deixa-se esfriar acrescentando n'esta occasião 9 gemmas de ovos bem batidas; torna-se a levar ao fogo, ferve-se, mexendo-se durante 10 minutos e, pondo-se depois em chicaras, polvilha-se com canella moída.

A sociedade favorece o vicio antes da o cobrir de honrarias e fomenta o crime antes de o castigar.

Amamos as mulheres que achamos bellas; e achamos bellas as mulheres que amamos; é um agradável circulo vicioso.

Quando se mente por amor proprio, procura-se menos enganar os outros do que enganar-se a si proprio.

Não ha nada mais ridiculo do que a colera sem força, e soberba sem fortuna e a vaidade sem talento.

Negar que os genios de agora podem chegar á altura dos genios de outr'ora, é negar o poder de Deus.

O amor não se fez para os reis nem para os povos; os reis tem muitos deveres, os povos demasiadas necessidades.

O matrimonio é uma ponte que vae ter ao ceu.

A mulher nas familias pobres é a economia e a ordem.

As mulheres são mais colericas que os homens. As almas mais debéis estão mais sujeitas ao enfado, e cedem a elle á proporção da sua debilidade.

Quasi sempre a uma cabeça ôca corresponde um coração miçuco.

O verdadeiro amigo é aquelle que chora, como proprios, os nossos infortunios. O que se regosija com as nossas alegrias ou celebra e applaude os nossos triumphos, pôde ser simplesmente um adúlador.

Detraz de todo o incredulo se adivinha um desgraçado; detraz de todo o fanatico se occulta um infame.

Um homem costuma-se facilmente á injustiça dos outros homens, mas nunca á indifferença dos homens.

O passado guarda um reflexo dos nossos primeiros sonhos e parece superior ao presente, muito simplesmente porque é... o passado.

Entre os povos, como entre os individuos, a amizade nasce muitas vezes dos contrastes de caracter e mantem-se pelo accordo dos interesses.

A mulher é o domingo do homem.

Um sujeito mais vaidoso que rico mostrava a uns amigos, com certa ostentação, a photographia d'uma casa de campo.

— E' esta a minha propriedade; aqui é o parque; aqui as cavalleirias; ali a estufa; acolá, as capoeiras... A photographia é muito boa, vê-se tudo... — Perdão, diz um dos amigos, vê-se tudo, não... que eu não vejo as hypothecas...

Ella. — Não negues, tu já me não amas... Ha dois mezes quando nos cásamos passavas os dias inteiros a pensar em mim, a beijar-me, a dizer-me que me adoravas...

Ede. — Po-s, sim, minha querida, mas ha dois mezes os dias eram mais curtos.

Um campão o comprou ha mezes um porco de sociedade com o seu visinho.

Pelo Natal, vendo o animal muito gordo, disse para o socio:

— Oh! amigo, se você quer aproveite agora a occasião de matar a sua metade do porco, que eu vou matar a minha.

A esposa. — Era capaz de passar a minha vida a cantar; gostava de ser ave.

O marido. — E eu a espingarda!

INTERNACIONAL
Compagnia portugueza de seguros
SEDE EM LISBOA
100, Rua Aurea, 1.º
Effectua seguros maritimos e contra o risco de fogo, gaz e rão.
Agencias nas principaes povoações do paiz
Directores
Raphael de Mello Amaral,
Visconde de Mangualde,
Carlos Alfredo Romano.

O CARTAZ DA QUINZENA

Mercadet, original de Balzac, traducção de Salvador Marques.
Lua de Mel, traducção de Freitas Branco.
Hospedeira, original de Goldoni, traducção de Mello Barreto.

Christina..... Dolores Rentini
Innocencia..... Hortense
Prudencia..... Isabel

D. Amélia.—Para toda a quinzena tem a empreza os espectáculos cheios com a *Lagaritixa*, a engrandíssima comedia que teve um successo doido.

Gymnasio.—Irá representando durante a quinzena as peças que mais applaudidas teem sido durante esta época, e dará a primeira representação da comedia de Luiz Galhardo e Manuel Penteado, *Águas de S. Crispim*, cuja distribuição de papeis já demos no nosso ultimo numero.

Trindade.—Além do *Relógio Magico*, *Testamen* o *da Velha* e *Mulher para tres maridos*, peças que têm tido enorme successo e que promettem não saber tão cedo do cartaz, dará a companhia d'este theatro, em recit extraordinaria o *Basilieiro Pancreacio*.

Rua dos Condes.—O successo da quinzena, a peça por excellencia é o *Poeta de Xadross*, a engrandíssima comedia de Eduardo Schwalbach, com musica lindissima de Filipe Duarte.

Mas esses espectáculos teem que ser suspensos durante algumas noites para darem logar ás recitas da comedia, *Malaguicas, mulher e filho*, que sob a scena em beneficio de Jesuina Marques.

A distribuição do *Brasileiro Pancreacio* é a seguinte:

A distribuição dos papeis é a seguinte:

Pancreacio..... Francisco Costa
André..... Conde
Regedor..... Queiroz
Cabo de ordens..... Augusto
Mestre-escola..... Roldão
Barbeiro..... França
Padre Cura..... Soares
Ze da Paula..... Justino
Juiz de paz..... Samuel
Boticario..... Coimbra
Sachristão..... Duarte
Sargento..... Oliveira
Homem do painal..... Roldão
Criado do Cura..... Coimbra Junior
Alberto..... Maria Costa
Engracia..... Amelia Barros
Custodia..... Rosa Paes
D. Joanna..... Estephania

Malaguicas José Santos..... Valle
Cypriano Vieira..... Silva Pereira
José Larangeira..... Leal
Conselheiro Seabra..... Gervasio
Ignácio Bezerro..... João Silva
Sebastião Queiroz..... Gomes
Julio de Andrade..... Annibal
Henrique de Andrade..... Lagos
Um banheiro..... Alves
Um criado..... José Rodrigues
D. Gertrudes dos Santos..... Jesuina
D. Francisca Vieira..... Emilia Rochedo
Paulina..... Maria Emilia
Marianna Bezerro..... Cecilia Neves
Antonia (criada)..... Carolina



N. CARLON.—Está ensaiando a companhia d'este theatro o *Fausto* e a *Cavallaria Rusticana*.

A distribuição dos papeis na *Cavallaria Rusticana*, é a seguinte:

Santuzza..... Bellinioni
Lola..... Longhi
Turiddu..... De Lucia
Alfo..... De Luca

De *Fausto* ainda não tem a distribuição feita. Do *Rigoletto* cantado agora a distribuição é a seguinte:

Gilda, De Roma
Magdalen, Longhi
Duque de Mantua, De Lucia
Rigoletto, Sammarco
Sparafuile, Carozzi
Monterone, Cervi

D. Maria.—Representará durante a quinzena *Peraltas e Secias*, *Mercadet*, *Lua de Mel* e *Hospedeira* e dará a primeira recita da *Catharina*, a peça de Henri Lavedan, cuja distribuição já publicamos no numero anterior.

Para as recitas do Carnaval estão destinadas as seguintes peças:
Peraltas e Secias, original de Marcellino Mesquita.

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço
 Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DOCAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

Livraria Ferreira. 132, Rua Aurea, 138

CANDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia Real das Sciencias

LIÇÕES PRATICAS DA LINGUA PORTUGUESA

Vol. 3.º, brochado, 700 rs., encadernado em percalina, 950 rs.

JOSÉ CESAR.—Mapas de Portugal, mudo e fallante, em conformidade com a cartographia e programas officiaes dos lycées.



ALBUQUERQUE BAPTISTA—LISBOA—O 98 da Rua Nova do Almada tem enorme grande sortimento de chapéus para sol ou chuva, em todas as qualidades, assim como bengalas, leques, perfumarias e artigos de novidade. Esta casa é a primeira no seu genero em servir bem e por pouco dinheiro.

Nenhum viajante deve deixar de visitar este estabelecimento em Lisboa.

Rouparia Central

DE

J. NUNES GODINHO

286, RUA DO OURO, 288—LISBOA

Casa especial em enxovaes sendo estes orientados pelas ultimas modéas, por preços mais limitados do que em outro qualquer estabelecimento, e muitas outras fazendas vindas directamente das melhores fabricas estrangeiras.

ENXOVAES

LOJA DA AMERICA
 ARTHUR D'OLIVEIRA & GARCIA
 ROUPARIA BRANCA

LISBOA=206, Rua do Ouro, 208=Rua d'Assumpção, 92, a 96=LISBOA

BIBLIOGRAPHIA

Nos Estados Unidos.— impressões políticas e sociais—por Oliveira Lima,— Leipzig, F. A. Brockhaus, 1899.

Mais um dos muitos livros que temos recebido, sobre impressões de viagem, livros que de ordinario se recomendam pela fertilidade de episodios e de scenas que se nos antolham de effeito immediato.

Este não se dizendo particularmente adstricto ao Brasil—nossa segunda patria, como lhe chamava Latino Coelho—dá-nos entretanto uma impressão mais do que *à vol de cigale* dos habitantes da Republica Brasileira.

Depois, entrando nos Estados-Unidos, trata o seu autor de pôr diante dos nossos olhos o viver dos americanos, a sua maneira de ser como povos apartados das velharias da raza latina, diferentes nos costumes, na moral etc.

Para quem não conheça o meio social dos habitantes d'essas regiões todos estes subsidios de inquerito a taes civilisações tem quasi o confido da extravagancia e pittoresco.

Os livros de viagens de tantos escriptores como Paul Bourget, E. Amicé, e entre nós os de Wencislaus de Moraes e de Oliveira Martins, encontram sempre a imaginação do leitor facilmente atrahida para estas leituras suggestivas pelo colorido, pela hypothese etc.

Noutra ordem de intenções o livro de Sterne e o de Xavier de Maistre, proporcionam curiosidades de commoção mais proxima da philosophia ou da ironia, que é uma das melhores formas de commover o interessado.

Mas o livro do sr. Oliveira Lima, muito naturalmente se dirige áquelles que desejam renhir o util ao agradável, proporcionando ao leitor dados de diferente valia, documentos de toda a sorte que soube entremear com a narração dos paizes que atravessou como *touriste*.

Por esta fórma agradável e delicada corre-se o livro todo, do principio ao fim, e consegue-se ficar encantado com a leitura.

É um dos raros livros que, além da linguagem em que está escripto, apresenta uma subida orientação de espirito adubada com o enrosco conhecimentos que o tornam scintillante.

Não se limitou o sr. Oliveira Lima a descrever singularmente o que viu; tratou de deduzir por todas as formas as suas observações, que são de ordinario precedidas de factos historicos, de revelações apropriadas ao fim das suas ideias.

É um livro, por consequencia, digno da estima dos amadores e de todos aquelles que pugnam por torneos litterarios.

Janna e Joel.—Praieiros—por Xavier Marques.—Typ. Bahiana, Bahia, 1899.

Em magnifica edição, papel assenado e luxuoso, o livro do sr. Marques, tentando o vôo a romance, lê-se em duas horas de pacifico encanto.

Parece-nos poder affirmar que este seu trabalho tímido e modesto é o inicio delicado de uma vocação decidida para novos empreendimentos congeneres, onde o auctor poderá, certamente, encontrar-se mais à vontade.

A fórma romantica d'esta especie de barcaola não desagrada e sendo, como é, servida por uma linguagem moça, subtil e muito cuidada, apresenta-nos o livro cheio de encantamentos entre os quaes se poderão esconder pequenos senões que a tessitura dramatica possa porventura apresentar.

Ha uma grande propriedade no vocabulario, signal evidente de que o sr. Marques sabe esmerillar a linguagem adectivando superiormente.

Das figuras do seu livro poderemos dizer que ellas enternecem e se humanizam porisso.

Os sentimentos em que tem de jogar-se a vida d'estas creaturas maritimas estão bem lançados.

Parece-nos, porém, que o auctor devia cuidar um pouco mais da alma d'elles, tornando-os mais perceptíveis na psychologia propriamente das gentes que lidam com tempestades. A vida do mar torria os homens supersticiosos e bons e crentes; dá-lhes uma noção de liberdade e de grandeza que ao contacto dos que passam a existencia em terra, se esborça e se distingue.

Mas não é isto certamente um defeito, se, como dissemos, o livro tem optimos lados por onde deve ser encarado.

A humanidade futura—é a questão boer-inglesa (com uma opmia), por Archer de Lima.—Lisboa—1899.

Neste folheto de 16 paginas, trata o sr. Archer de Lima de encerrar o conflicto anglo-boer, declarando-se abertamente contra os inglezes. Esta especie de clogio, é uma verdadeira *houade*, onde se espelha a alma desinteressada e esperanças do seu auctor. É um grito de mocidade, proferido com sincera emoção.

O sr. Archer de Lima é um espirito muito aorecival, procurando orientar-se nas modernas ideias sociais para o que certamente terá concorrido em grande parte a hereditariade.

Mais uma vez se confirma a lei. Nestas palavras, em que Archer de Lima se confessa pugnador pelas ideias de paz, de cujo *comité* internacional faz parte, funde a sua aspiração.

Archer de Lima tem assignado varios folhetos que surgem em momentos de expedito alarame, como foi por occasião da celebre carta de Zola, *J'accuse*.

Este seu ultimo trabalho, olhado pelo sentimento de que vem revestido, merece o elogio sincero da noisa approvação.

Poderíamos dizer que na presente prova faltam, entre as grandes generalidades que apresenta, certos factos que tornariam o assumpto mais convaditivo.

Mas como certamente não era este o intuito do seu auctor, deixamos aqui a nossa apreciação com estas linhas de applauso e de jucamento para novas emprezas de mór folego.

A Fazenda do Paraíso. (Scenas da vida commercial) por Arthur de Guimarães—segunda edição melhorada—Companhia Nacional Editora, 1899.

A prefacção que entesta a recebimenda obra do sr. Arthur de Guimarães fornece-nos forte materia para apreciação.

Diz o illustre prefaço ologio que andou muito acertadamente o auctor em attentar na vida commercial, onde se encontram magnificos blocos de estado.

Não pensamos do mesmo modo. O eixo de um romance ha de girar sempre na intriga amorosa, trazendo á bailia certas e determinadas combinações de sentimentos da alma humana.

Por consequente, onde houver um grupo de homens, está latente um drama ou uma commedia.

O individuo é igual no crime e na virtude em toda a parte, quer seja n'um tugurio quer n'um palacio maravilhoso.

Mas tem-se escolhido de preferencia o meio nas classes privilegiadas pela intelligencia ou pela fortuna.

E isto muito naturalmente, porque nas esphas mais seleccionadas se encontram sentimentos mais aguçados e mais complexos de fórma a perspectivarem o homem menos equilibrado nas

suas culpas, menos coherente ou mais digno de attenção pelas modalidades que apresenta.

Em todo o caso o homem é uniforme dentro da extensão; quer dizer, torna-se coherente, natural, se for talhado n'um grande periodo da sua vida, se o observador o apanhar em flagrante delicto, e paixões que somadas dêem todos um conjuncto.

A Fazenda do Paraíso dá-nos uma galeria de typos preocupados com numeros, com cifras, cheques, desfalques, mas isto é o lado externo que nada tem de commum com a indole dos observados.

Ponham-se estas mesmas creaturas n'uma fabrica de tecidos de algodão e o leitor vê os mesmos corações, as mesmas intrigas, eguaes misérias.

Em que varia, pois, o entrecho?

Em muito pouco. Se é na fabrica, o leitor ficará sabendo (se o ignorava) que o algodão serva para fazer camisolias, se não o escriptorio d'um commerciante toma conhecimento do livro *Caixa*...

O romance de Zola, *ou Bonheur des Dames*, é interessante porque além da vida commercial que se respira n'aquelle ambiente ha mais alguma coisa do que seus numeros; sente-se ali o peso de uma ideia feliz e grande—é a ambição, um dos maiores defeitos de um seculo como o nosso, burguez e avaro.

Fromont Jeune et Risler Senior, não é sómente um meio commercial ou fibril. É mais alguma coisa do que isso. É um entremecido feixe de caracteres, uma renque d'almas que nada tem de commum com os papéis pintados da fabrica.

O meio portanto onde se desenvolve a acção é indifferente. Ninguém pergunta ao auctor o processo como executa as suas obras, não se lhe pede contas pelo tempo que consumiu n'ellas, assim como não se lhe increpa a escola que seguiu. O que se deseja saber é o resultado.

Ora é sobre este quociente que nós dizemos qual foi o lado por que nos interessou *A Fazenda do Paraíso*.

Apenas pela observação, sómente por algumas scenas de flagrante verdade. Dir-se-ia que passaram diante dos nossos olhos algumas photographias.

Mas não nos commovemos, nem interessamos. Porque? É difficil responder a esta interrogação, que mentalmente fizemos antes de escrever estas linhas.

Uma razão superior a todas se nos antolha na maneira de realisar o que se concebe:—é a fórma!

A concepção é uma doce embriaguez de poeta. O que seria uma estatura sem a harmonia musical das linhas, muito embora houvesse um grande sentimento, uma grande ideia antes de debastado o bloco.

D'pois, as creaturas d'este romance, não tem baixo-relevo, são duras, pouco maleáveis.

A prosa não tem scintillações, nem reverberas; não ha colorido. A parte subjectiva não existe.

Não ha uma unica alma que se perspective que tenha uma ideia de bondade, um credo de justiça. É, contudo, o livro parece um estudo rigoroso, um estudo exacto d'aquelle meio.

É, porque a photographia dá só dois tons—o claro e o escuro... É preciso mais côr.

Mas, emfim, isto é talvez uma obra moderna, uma novidade que para nós não pôde ainda definir-se nitidamente...

D'aqui talvez o nosso erro de sentir.



PROVAE

OS

DELICIOSOS

VINHOS

DO

PORTO

DE

CONSTANTINO

DE

ALMEIDA

